

POR TRÁS DOS BALÕES

**UM ESTUDO DA ADAPTAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS NORTE-AMERICANAS PUBLICADAS NO BRASIL**

por Fernando Ribeiro Passarelli

1 - Introdução.....	2
2 - Formato.....	2
3 - Colorização.....	5
4 - Cortes.....	6
5 - Onomatopéias.....	8
6 - Marvels.....	8
7 - Soluções.....	9
8 - Anexo.....	12
9 - Bibliografia.....	14

1 - INTRODUÇÃO

Mais da metade das revistas de quadrinhos comercializadas nas bancas brasileiras são produzidas nos Estados Unidos da América e aqui publicadas após a tradução e adaptação das histórias. Este processo frequentemente afeta a mensagem em seu conteúdo e morfologia, pela modificações ocorridas no formato das revistas, colorização, diagramação e tradução.

Este trabalho de graduação em jornalismo pela Unitau (Universidade de Taubaté - SP) comparou o material original de revistas norte-americanas com as respectivas histórias publicadas no Brasil pela Editora Abril Jovem, demonstrando que as mudanças feitas pelos estúdios de tradução / adaptação podem afetar substancialmente o conteúdo das histórias em quadrinhos. Estas alterações não se limitam apenas ao aspecto visual (morfológico), mas agem sobre os textos e mensagens veiculadas nas HQ's (conteúdo).

Foram analisadas neste trabalho dezesseis revistas (*veja anexo*), de diferentes épocas e de títulos aleatoriamente selecionados, das editoras *Marvel Entertainment Group* e *Detective Comics (DC)*, as duas maiores empresas de histórias em quadrinhos de super-heróis do mundo, cujas revistas são publicadas regularmente no Brasil desde a década de 60.

2 - FORMATO

Dois são os formatos de revistas de quadrinhos adotados no Brasil : o chamado formatinho, de 19 X 13,5 cm, e o formato americano, de proporção idêntica às revistas originais, de 26 X 17 cm. A incidência de deturpações nos processos de adaptação é exclusivamente observada nas revistas de formato pequeno (formatinho).

A explicação para esta ocorrência está no fato de que cada página de uma revista americana, ao ser reduzida de seu formato original (26 X 17 cm), para a proporção brasileira (19 X 13,5 cm), permanece em dimensões equivalentes à metade de sua área original.

Essa redução do tamanho da página da revista afetará diretamente o espaço destinado para o texto da história. O letrista brasileiro terá à sua disposição, portanto, metade do espaço originalmente destinado ao texto, no interior dos balões. Caberá, portanto, ao tradutor / editor da revista brasileira o enxugamento das falas dos personagens e da narrativa a fim de que estas possam ser acomodadas dentro dos quadrinhos - problema este que não ocorre quando as revistas são publicadas no Brasil no formato original americano.

Desta maneira, na página 4 da revista *The Incredible Hulk* 334, publicada em agosto de 1987 nos Estados Unidos, o alter-ego do personagem, Dr. Bruce Banner, medita :

“- Eu odeio esconder os fatos reais de Leonard, mas algo me diz que quanto mais eu evitar contar para ele que estou me transformando de novo no Hulk será melhor. Uma vez de volta à base Gama, talvez eu possa encontrar uma maneira de me curar do Hulk rapidamente, completamente. Antes que eu tenha que perturbar alguém com isso”.

A explicação do personagem para o seu desejo de retornar ao laboratório, a fim de continuar suas pesquisas de radiação, não chegou ao leitor brasileiro. Na versão publicada pela Editora Abril, em *O Novo Incrível Hulk* 91, em janeiro de 1991, Banner disse apenas :

“- Odeio ocultar coisas de Leonard, mas algo me diz que quanto mais tarde eu revelar que voltei a me transformar no Hulk, melhor.”

O mesmo problema ocorreu na página 11 de *Captain America 377*, na qual o leitor norte-americano leu o seguinte diálogo :

“- Não o matei, no entanto.

- O dinheiro vai estar no lugar de sempre, saia de vista por pelo menos três meses, não venha aqui sob nenhuma circunstância; vou avisar quando eu quiser você. Entende ?

- Sim.”

Esta mesma seqüência chegou ao leitor brasileiro na forma de um monólogo, em *Capitão América 178*, com a omissão da resposta do segundo interlocutor da conversa :

“- Mas o cara não morreu. Certo.”

No original fica claro ao leitor o motivo que levará ao desaparecimento do primeiro personagem nas próximas edições da revista. No Brasil, soube-se apenas que o assassino não havia completado o crime da forma planejada.

Em outros casos, quando o texto traduzido não pode mais ser eliminado, o estúdio brasileiro lança mão do recurso de aumentar o balão. A arte original da história é então “violentada” e o balão redesenhado sobre o fundo original da página.

No que diz respeito, porém, aos erros de tradução dos nomes dos personagens, estes não podem ser explicados de maneira tão simples como os cortes nos textos, em decorrência da falta de espaço. Apenas pelo baixo nível de qualidade da tradução é possível compreender como *Daredevil* (Audacioso) se tornou Demolidor ; *Deadman* (Homem-morto), Desafiador, e *Hawkeye* (Olho de Falcão), Gavião Arqueiro.

Algumas vezes, o tradutor prefere manter a nomenclatura original, como em *Silver Sable*, *Rage*, *Batman*, *Flash* e outros.

Nas revistas brasileiras contracenam, portanto, *Wolverine* com Noturno, *Sandman* com Morte e *Gambit* com Vampira, não havendo uma padronização pela manutenção ou modificação dos nomes dos personagens.

3 - COLORIZAÇÃO

O processo de redução do formato das revistas também é responsável pela diferença das cores empregadas nos títulos brasileiros. Quando uma revista de quadrinhos é publicada no Brasil em formato americano existe a possibilidade da utilização do fotolito original, pela cessão / cópia das matrizes americanas, com a marcação das tonalidades que foram empregadas no título estrangeiro. A estas chapas originais são adicionados apenas os balões com falas em português.

Contudo, a adoção de uma proporção inferior (formatinho) exige que seja refeito o processo de distribuição das cores na revistas, a fim de que se encontrem as tonalidades que melhor se aproximem daquelas empregadas nas histórias originais. O resultado observado nas revistas brasileiras, em comparação com as norte-americanas, fica muitas vezes aquém do original.

Exemplificando :

A composição de verde empregada para colorir o personagem Hulk em *O Incrível Hulk* 78 é composta por 50% de cian e 60% de amarelo no Brasil, contra os 30% de cian e 70% de amarelo na revista original, *The Incredible Hulk* 324.

Segundo Israel Pedrosa, “o verde é ponto ideal de equilíbrio da mistura do amarelo com o azul. As potencialidades diametralmente opostas das duas cores - claridade e obscuridade, calor e frio, aproximação e afastamento,

movimento excêntrico e movimento concêntrico - anulam-se e surge um repouso feito de tensões".¹

Conforme o autor, o verde escurecido (como adotado no Brasil) cria possibilidade de enriquecimento cromático, mas é com o clareado (como adotado no original americano) que o resultado torna-se mais ativo.

A cor do Hulk "brasileiro" seria responsável, portanto, pelo obscurecimento da personalidade do personagem, tornando-o sombrio, noturno e negativo, em contraste diametral com o Hulk "americano", cujas cores lhe conferem atitudes enérgicas e luminosidade.

4 - CORTES

As alterações mais relevantes encontradas nas revistas analisadas para este trabalho se referem aos casos de redistribuição de quadrinhos nas histórias e à omissão total de páginas dos originais norte-americanos.

Um estúdio brasileiro de tradução / adaptação de quadrinhos encontra mais facilidade em enxugar histórias nas quais os quadros de narrativa apresentam tamanhos semelhantes entre si, o que possibilita a edição (movimentação) das cenas.

Foi o caso observado na versão brasileira para a história *The More Things Change*, em *The Incredible Hulk* 324. Na versão publicada pela Editora Abril (em *O Incrível Hulk* 78) o leitor brasileiro deixou de ler três tiras da narrativa, quando três páginas foram transformadas em duas. Desta maneira, as páginas 4, 5 e 6 da edição norte-americana foram condensadas nas páginas 6 e 7 do título brasileiro. Desapareceu, com isso, uma seqüência em *flashback* que recapitulava os acontecimentos das edições posteriores.

¹ "Da Cor À Cor Inexistente", p. 111 e 112.

Quando as páginas não possuem, como neste caso citado, quadrinhos de tamanhos semelhantes, o estúdio brasileiro opta pelo corte total de uma ou mais páginas da revista. Das dezesseis revistas analisadas neste trabalho (entre exemplares antigos, novos, clássicos e lançamentos), em três descobriu-se a omissão de páginas, totalizando o corte de sete páginas.

A versão brasileira para a história *Bizarro*, publicada em *Super-homem 130*, chegou às bancas sem as páginas 3 e 12 (seqüências de narrativa) do título original, *Superman 87*. Em *Homem-Aranha 132* também não aparece a página 27 (seqüência de combate) da revista norte-americana *The Web of Spider-Man 69*, de onde a história foi retirada.

A página 9 da revista *Captain America 377* não aparece na história editada para *Capitão América 178*. Neste caso, foram suprimidos sete quadros referentes à internação do herói, assim como a explicação de que este não havia sofrido danos maiores durante uma ação. O leitor brasileiro deixou também de saber, com o corte desta página, que a personagem *Cascavel* mantinha uma preocupação pelo estado de saúde do herói, insinuando um relacionamento afetivo que se iniciaria nas edições posteriores.

Em *Novos Titãs 102*, as duas páginas da história original, publicada em *New Titans 93*, desapareceram, omitindo a seqüência na qual o personagem *Fantasma* é assassinado por um misterioso vilão. Essa última parte da história, que teria o objetivo de introduzir o leitor à próxima minissérie nas quais os heróis estariam envolvidos, não foi apresentada ao leitor brasileiro, encerrando abruptamente a narrativa.

5 - ONOMATOPÉIAS

As onomatopéias (representações de ruídos sonoros) sempre tiveram uma relação muito íntima com a língua norte-americana. As expressões que foram convencionalmente adotadas para a representação dos sons nada mais são do que os verbos ingleses que significam o ato desenhado, alguns dos quais relacionados ao ruído emitido na ação.

Contudo, para os leitores de quadrinhos do Brasil, as palavras passaram a representar o som emitido em determinada cena. Assim, relacionará o leitor brasileiro a palavra “*bang*” ao ruído ocorrido em uma explosão ou disparo de arma de fogo, e não ao verbo que implica nesta ação.

Neste ponto, considera-se graficamente correta a atitude adotada pelos estúdios brasileiros de tradução, os quais optam pela manutenção da terminologia original das onomatopéias. A não-tradução, neste caso, é preferida à mutilação das histórias pelo desenho de novos ruídos sobre os antigos.

6 - MARVELS

Este trabalho se direcionou, entre seus objetivos, pela proposta de verificar se existem casos em que a tradução / publicação das histórias em quadrinhos atingiram no Brasil um nível satisfatório.

A confirmação desta proposição surgiu na análise da colorização e da tradução feita para os títulos publicados em formato americano, os quais, conforme explicado, mantinham proporções idênticas de balões de texto e tonalidades semelhantes às dos originais americanos.

A comprovação total desta hipótese veio através da minissérie *Marvels*, publicada nos Estados Unidos em 1993 e no Brasil em 1995. Escrita por Kurt Busiek e ilustrada por Alex Ross a partir de fotografias, *Marvels* foi premiada como uma obra artística pelo realismo que transmite.

No Brasil, como nos Estados Unidos, a minissérie recebeu uma edição em formato americano e foi revestida por uma capa de acetato transparente, semelhante àquela que protege a edição original.

Para evitar retoques na arte de Alex Ross, a Editora Abril Jovem optou, nos quatro volumes, pela inclusão de um glossário na página posterior à capa de cada revista. Assim, todas as frases e palavras que aparecem em inglês no cenário da história possuem suas devidas traduções no início de cada um dos volumes.

Por se tratar de um título publicado em formato americano, *Marvels* foi impressa a partir de fotolitos originais, portanto com as mesma colorização, formatos de balões e onomatopéias das revistas norte-americanas.

7 - SOLUÇÕES

No Brasil, os problemas de tradução / adaptação de histórias em quadrinhos não são recentes. Em 1972, a Editora Bloch já substituía *show business* (mundo artístico) por “teatro” e *bedroom* (quarto) por “quarto de dormir”, produzia cortes nas artes e substituía as cores originais. Foram, aliás, estes problemas de colorização que fizeram com que o uniforme do *Fantasma*, de Lee Falk, mudasse nas revistas brasileiras do roxo original para o vermelho.

A adoção do tamanho inferior ao das revistas americanas para os títulos brasileiros é o ponto de partida das modificações identificadas por este trabalho. O leitor brasileiro ganha pelo fato de poder adquirir um título com três ou quatro histórias de revistas americanas diferentes, mas perde na qualidade do material que lhe é apresentado.

Observando-se a qualidade gráfica e de conteúdo das minisséries e *graphic-novels* publicadas pela Editora Abril Jovem, conclui-se que existe a possibilidade da publicação de histórias com um resultado final muito próximo ou semelhante ao das revistas originais. A edição brasileira de *Marvels* conseguiu mesmo chegar ao leitor brasileiro por um preço - R\$ 4,90 (US\$ 4,65) - inferior ao pago pelo leitor americano pela mesma série - US\$ 5,95.

Os teóricos da tradução estabelecem diferentes conceituações para a atividade. As opiniões divergem no que diz respeito ao resultado final do trabalho, se existe ou não a possibilidade do autor alcançar perfeição estilística em qualquer trabalho que lhe chega às mãos.

O escritor norte-americano Werner Whinter afirma, categórico, que “*tradução completamente exata não existe*” e é apoiado pelo francês Alfred Malblanc, na afirmativa de que “*uma tradução deve ser correta, não exata*”. O brasileiro Breno Silveira se opõe a estes posicionamentos e defende que “*a fidelidade é o ponto mais importante de qualquer tradução*”. Entre os adeptos de cada linha de trabalho se distribuem grandes nomes das letras, de Cícero (43 a. C.) a Manuel Bandeira, partidários das versões artísticas e despreocupados com a fidelidade ao original.

“*Tal como acontece com as demais doutrinas, as posições extremas erram sempre o alvo*”, afirma Erwin Theodor. “*As normas de uma tradução apropriada*”, prossegue Theodor, “*são ditadas pelo público leitor, e o tradutor deve possuir perceptividade especial, que lhe permite captar as preferências do ambiente para o qual traduz e constatar quais as peculiaridades do autor a traduzir, que mais se afinam nesses gostos*”.²

² “Tradução - Ofício e Arte”, p. 120 e 121.
Editora Cultrix, São Paulo, 1976.

Cabe à Editora Abril questionar qual a expectativa do público consumidor de quadrinhos em relação ao material que é publicado. Não desejaria o leitor pagar mais pelas revistas e ter acesso a um material com resultado final superior grafica e textualmente ?

Os primeiros sinais dos aprimoramento deste processo de adaptação começaram a aparecer meses após a conclusão deste trabalho. Se em 1992 a implantação do Plano Collor foi responsável pelo fechamento de pequenas editoras de quadrinhos e ao cancelamento de diversos títulos, foi a partir de 1994 e do Plano Real que este segmento editorial começou a reagir.

Em 1996 a Editora Abril rompeu um jejum de duas décadas e passou a somar às linhas *Marvel* e à *D.C.* uma terceira série de quadrinhos, a *Image*. Notoriamente, todas as versões brasileiras para os títulos da *Image* foram compostas por revistas em formato norte-americano, proporção esta que também foi adotada para um título regular da linha *X-Men* e para minisséries.

O escritor brasileiro Guimarães Rosa criou o termo “traduzadaptação” em carta dirigida ao tradutor Edoardo Bizzari, que encontrava dificuldades na adaptação de “*Grande Sertão: Veredas*” para a língua italiana.³

Numa lição de respeito e consideração para com o trabalho do escritor e para com a cultura do Brasil, Brizzari preferiu manter o termo vereda na versão italiana, em função da inexistência de uma palavra equivalente neste idioma. “*Não vou traduzi-la para o italiano*”, justificou-se Edoardo, “*aliás, procurarei introduzi-la na minha língua, como iniciativa de uma realidade típica e intransponível*”.

³ “João Guimarães Rosa - Correspondência Com o Tradutor Italiano”, p. 9. Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1972.

O que se exige das editoras brasileiras é a criação de um código de procedimento para a tradução das histórias em quadrinhos, levando-se em consideração o respeito para com o público consumidor.

8 - ANEXO

8.1 - Revistas e histórias analisadas na elaboração deste trabalho :

Marvel Comics Group :

Avengers # 326 - "Wind from the East"

Spider-Man # 5 - "Torment Part 5"

Captain America # 377 - "The 100% Solution"

The Incredible Hulk # 334 - "Grave Circumstances"

The Incredible Hulk # 324 - "The More Things Change..."

The Uncanny X-Men # 280 - "One Step Back...Two Steps Forward"

Web of Spider-Man # 69 - "A Subtle Shade of Green"

X-Men 2099 - # 04 - "Darkroom"

DC Comics :

Action Comics # 654 - "Dark Knight Over Metropolis : Part III"

Batman # 455 - "Identity Crisis : Part One"

Batman in Detective Comics # 620 - "Rite of Passage - Part 3: Make me a Hero"

Batman - "The Killing Joke"

Superman # 75 - "Doomsday"

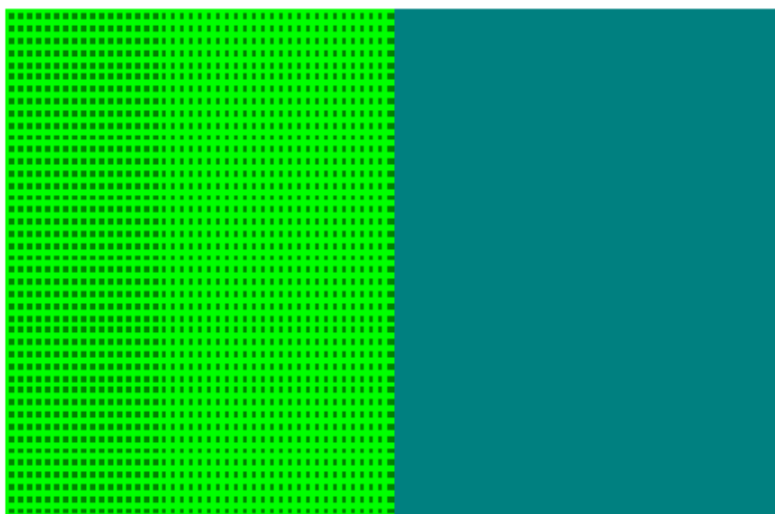
Superman # 87 - "Bizarro"

The New Titans # 93 - "The Titans went on Vacation and
all they got me was this lousy..."

The Adventures of Superman # 501 - "... When he was a boy"

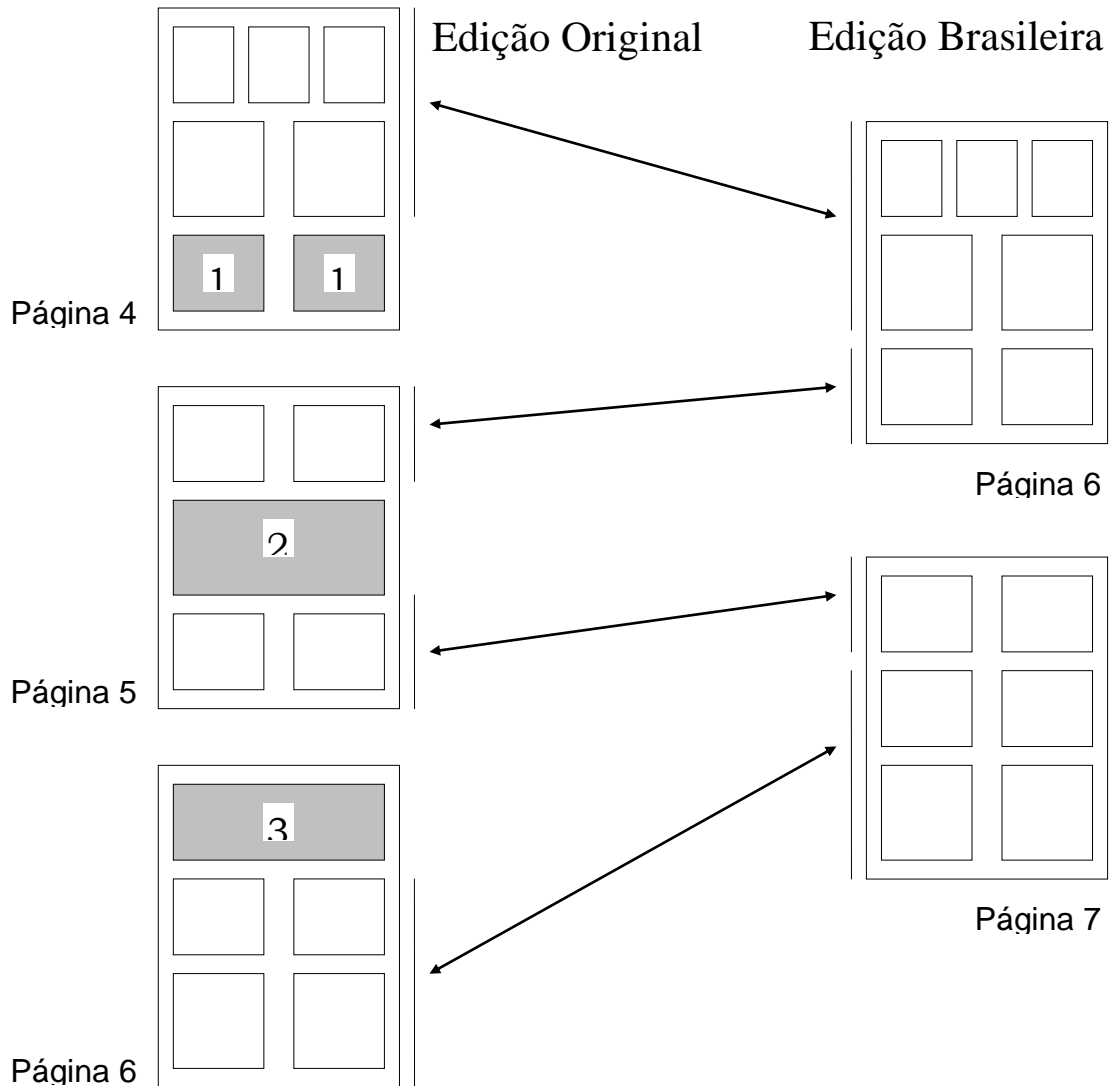
8.2 - Colorização :

Reprodução das tonalidades de verde empregadas para o *Incrível Hulk* nas revistas norte-americanas (à direita) e a cor usada para o mesmo personagem em títulos brasileiros, mais escura (à esquerda).



8.3 - Diagramação :

O esquema a seguir detalha como as páginas 4, 5 e 6 de *The Incredible Hulk* 324 foram comprimidas nas páginas 6 e 7 da versão brasileira, *O Incrível Hulk* 78. Os quadrinhos em destaque foram eliminados na adaptação.



9 - BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Júlia Falineve. **A Invasão Cultural Norte-Americana**. Moderna, São Paulo, 1988.
- AZEVEDO, Juan. **Como Fazer Histórias em Quadrinhos**. São Paulo, Global, 1990.
- BIBE-LUYTEN, Sônia Marie. **O Que é História em Quadrinhos**. Brasiliense, São Paulo, 1988.

_____. (organizadora) **Histórias em Quadrinhos - Leitura Crítica**. São Paulo, Paulinas, 1984.

- BORDENAVE, Juan E.D. **O Que é Comunicação**. Brasiliense, São Paulo.
- BORELLI, Silvia Helena Simões (organizadora). **Gênero ficcionais, Produção e Cotidiano na Cultura Popular de Massa**. Intercom, 1994.
- CALAZANS, Flávio M. de Alcântara. **Propaganda Subliminar Multimídia**. São Paulo, Summus Editorial, 1992.
- CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CIRNE, Moacy. **A Explosão Criativa dos Quadrinhos**. Petrópolis, Vozes, 1970.
- _____. **A Linguagem dos Quadrinhos**. Petrópolis, Vozes, 1971.
- _____. **Para ler os quadrinhos**. Petrópolis, Vozes, 1972.
- _____. **Uma Introdução Política aos Quadrinhos**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1982.
- CLARK, Alan e Laurel. **Comics, Uma história ilustrada da B.D.**. Portugal, Grupo Distri Cultural, 1991.
- COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico - Teoria e Prática da Diagramação**. Summus Editorial, São Paulo, 1987.
- DORFMAN, A. e Mattelart. **Para ler o Pato Donald**. Rio, Paz e terra, 1977.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**, Perspectiva, São Paulo.
- _____. **Como Se Faz Uma Tese**, Perspectiva, São Paulo, 1977.
- ELIOT, Marc. **Walt Disney - O Príncipe Sombrio de Hollywood**. Marco Zero, São Paulo, 1995.
- FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. Edgard Bücher Ltda., São Paulo, 1986.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O Que é Herói**. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- MAGALHÃES, Henrique. **O Que é Fanzine**. Brasiliense, São Paulo, 1993.
- MAILLOT, Jean. **A Tradução Científica e Técnica**. McGraw Hill do Brasil, São Paulo

- MARQUEZI, Dagomir. **Auika ! - Algumas Reflexões sobre a Cultura de Massa**. Proposta Editorial, 1980.
- MASCHERPE, Mário e ZAMARIM, Laura. **A Tradução e os Falsos Cognatos**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo, Makron Books, 1995.
- McLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**. São Paulo, Cultrix, 1974.
- MCKENZIE, Alan. **How to Draw and Sell Comics Strips...** - North Light Books, Cincinnati, Ohio, USA, 1991.
- MOYA, Álvaro de. **Shazam !**. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- _____ . **História da História em Quadrinhos**. Brasiliense, São Paulo, 1993.
- PEDROSA, Israel. **Da Cor À Cor Inexistente**. Léo Christiano Editorial Ltda., Rio de Janeiro, 1977.
- PEREIRA, Carlos Alberto M.. **O Que é Contracultura**. Brasiliense, São Paulo, 1983.
- RIBEIRO, Milton. **Planejamento Visual Gráfico**. Linha Gráfica e Editora, São Paulo.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O Que é Pós-Moderno**. Brasiliense, São Paulo, 1980.
- THEODOR, Erwin. **Tradução - Ofício e Arte**. Cultrix, São Paulo, 1976.